

Índios Kayapós utilizam geotecnologia para defender reserva

sexta-feira, 21 de janeiro de 2011 [Nenhum Comentário]

A Imagem, empresa líder em GIS – Sistemas de Informações Geográficas na América Latina, e o Instituto Kabu, associação civil sem fins econômicos criada por indígenas da etnia Kayapó para defender seus direitos e sua cultura, estão realizando um projeto que utiliza a geotecnologia como ferramenta para auxiliar na preservação da floresta e da aldeia, localizada no estado do Pará. Com a utilização de imagens aéreas e softwares para criação e edição de mapas digitais, o Instituto consegue monitorar os 8,5 milhões de hectares que formam a reserva, reduzindo, assim, a incidência de invasões e práticas ilegais de caça, garimpo e extração de madeira.

Para viabilizar o projeto, o Instituto Kabu firmou convênio com a Funai – Fundação Nacional do Índio e outros parceiros para conseguir recursos para o desenvolvimento sustentável da aldeia e o resguardo das terras. O dinheiro foi investido na compra de softwares, treinamento para os funcionários e aluguel de equipamentos para sobrevoar e fotografar a reserva a cada 15 dias.

Junio Eslei Martins de Oliveira, coordenador do PBA-163 do Instituto Kabu, conta que antes da instalação dos softwares que integram o Sistema de Informações Geográficas, o monitoramento da reserva era muito mais difícil. “A área é muito rica em minerais e biodiversidade, o que atrai muitos infratores. Além de aviões, os fiscais utilizavam carros e barcos para tentar localizar os pontos onde havia suspeita de invasões”.



O Instituto, localizado no município de Novo Progresso, montou a base de geoprocessamento com banco de dados para cadastrar as coordenadas da reserva, fotos e mapas digitais para monitorar a área e poder visualizar qualquer irregularidade em curtos espaços de tempo. Na base são utilizados softwares para elaborar os mapas e relatórios sobre os limites da área preservada.

A Imagem, além de implantar os softwares da Esri, empresa americana líder no mercado de desenvolvimento de softwares para geoprocessamento, ofereceu treinamento de uma semana para funcionários do Instituto e representantes das tribos. José Gleidson da Cunha, instrutor da Academia GIS/ Imagem, conta que nove pessoas participaram do treinamento, seis funcionários do Instituto e três indígenas que falavam português. “O curso teve que ser todo adaptado à realidade da região, com demonstrações e exemplos relacionados à natureza e ao cotidiano deles, inclusive alterando palavras no sistema para o idioma local”.

Os indígenas foram capacitados para utilizar aparelhos de GPS na coleta de coordenadas dos locais onde há invasões ou outras práticas ilegais. Os dados são enviados à base por meio de um rádio amador localizado na aldeia, que funciona com uma bateria de carro. As informações são incluídas nos mapas e relatórios desenvolvidos pelo Instituto e enviados periodicamente para a Polícia Federal e a Funai.

Revista Meio Ambiente Industrial.